SciELO Preprints

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Entre vozes: Análise de uma gravação Xakriabá sob o olhar indígena e não indígena

Conceição Cavalcante Santos, Darlene Cavalcante Dourado, Diogo Issaburo Evangelista Koga, Elizélio Santiago Oliveira, Eliete Bezerra dos Santos, Estefânia Bezerra dos Santos, Hérica Rodrigues da Gama, Irani Cavalcante Santos, Isabel Cavalcante Bezerra Araújo, Josemar Bezerra dos Santos, Lucineia Barboza dos Santos, Maciel Evaristo Santos, Maria Cavalcante Santos Cruz, Marina Seixas Santos, Marinete Cavalcante Souza, Mário André Coelho da Silva, Noêmia Cavalcante Dourado, Sandrileia Cavalcante Santos, Sílvia Olaia dos Santos, Valdemar Ferreira dos Santos, Valdete Seixas Lopes, Valdineia Pereira dos Santos

https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

Submetido em: 2026-11-07
Postado em: 2026-11-10 (versão 1)
(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Andrey Nikulin (ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2237-564X)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

ENTRE VOZES: ANÁLISE DE UMA GRAVAÇÃO XAKRIABÁ SOB O OLHAR INDÍGENA E NÃO INDÍGENA

BETWEEN VOICES: AN ANALYSIS OF A XAKRIABÁ RECORDING FROM INDIGENOUS AND NON-INDIGENOUS PERSPECTIVES

Ensaio Teórico

Conceição Cavalcante Santos[1,2]
Darlene Cavalcante Dourado[1,2]
Diogo Issaburo Evangelista Koga[3] – https://orcid.org/0000-0003-0053-7732
Durkwa Krẽka (Elizélio "Neguinho" Santiago Oliveira) (*in memoriam*)[1]
Eliete Bezerra dos Santos[1,2]
Estefânia Bezerra dos Santos[1,2]
Hérica Rodrigues da Gama[1,2]
Irani Cavalcante Santos[1,2]
Isabel Cavalcante Bezerra Araújo[1]
Josemar Waĩkawra Bezerra dos Santos[1,2]
Lucineia Barboza dos Santos[1,2]
Maciel Srêpawẽ Evaristo Santos[1,2]
Maria Cavalcante Santos Cruz[1,2]
Marina Sikwatkadi Seixas Santos[1,2]
Marinete Cavalcante Souza[1,2]
Mário André Coelho da Silva[2] – https://orcid.org/0000-0002-4882-1567
Noêmia Cavalcante Dourado[1,2]
Sandrileia Sikadi Cavalcante Santos[1,2]
Sílvia Wasidi Olaia dos Santos[1,2]
Valdemar Ferreira dos Santos[1]
Valdete Seixas Lopes[1,2]
Valdineia Simnãitedi Pereira dos Santos[1,2]
[1]Povo Krẽka-Xakriabá; [2]Universidade Federal de Goiás; [3]Universidade de Brasília

RESUMO: Este artigo traz a análise de uma gravação que contém um registro da língua Xakriabá dos encantados a partir da perspectiva da epistemologia do povo Krẽka-Xakriabá e da epistemologia não-indígena. O conteúdo da gravação serve tanto como símbolo e expressão da espiritualidade do povo Krẽka, quanto como um caso particular de discurso mântico que envolve o sincretismo de traços de glossolalia e xenoglossia. Para a análise da gravação, foi utilizada uma ortografia prática para a transcrição e, após isso, realizaram-se discussões entre um docente de um curso de licenciatura em Educação Intercultural, um colaborador do curso e estudantes e sábios anciãos do povo Krẽka. A proposta intercultural e interepistemológica deste estudo tem por objetivo contribuir para o fortalecimento e para a retomada da língua e da cultura Xakriabá. Apesar dos diferentes olhares alcançados entre os estudantes e sábios indígenas e docentes não indígenas, advindos das diferentes matrizes epistemológicas que fazem parte das respectivas formações, encontraram-se pontos de convergência como a importância dessa

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

gravação nos projetos de revitalização da língua Xakriabá, bem como a relevância de questões culturais, como a espiritualidade tradicional, na valorização da identidade indígena.

PALAVRAS-CHAVE: Krẽka-Xakriabá; língua dos encantados; glossolalia; retomada linguística; línguas Akuwẽ.

ABSTRACT: This article presents an analysis of an audio recording documenting the Xakriabá language of the *encantados* (spirit beings), from the perspectives of Krẽka-Xakriabá epistemology and non-indigenous epistemology. The content of the recording functions both as a symbol and as an expression of Krẽka people's spirituality, while also constituting a particular instance of mantic speech involving a syncretic combination of features of glossolalia and xenoglossy. The recording was analyzed using a practical orthography for transcription, followed by discussions involving a faculty member from an Intercultural Education teacher education program, a course collaborator, students, and Indigenous elders and knowledge holders from the Krẽka people. The intercultural and interepistemic approach adopted in this study seeks to contribute to the strengthening and reclamation of the Xakriabá language and culture. Despite the differing perspectives expressed by Indigenous students and knowledge holders, on the one hand, and non-indigenous professors, on the other, reflecting the distinct epistemological frameworks underpinning their respective educational backgrounds, points of convergence emerged. These included recognition of the recording's importance for Xakriabá language revitalization initiatives, as well as acknowledgment of the relevance of cultural dimensions, such as traditional spirituality, to the affirmation and appreciation of Indigenous identity.
KEYWORDS: Krẽka-Xakriabá; language of the *encantados*; glossolalia; language revitalization; Akuwẽ languages.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTAS: A maior parte do povo Krẽka-Xakriabá vive atualmente em dois territórios localizados no norte do estado de Minas Gerais, na Terra Indígena Xakriabá e na Terra Indígena Rancharia. Após a intensificação do contato desse povo com a sociedade majoritária a partir do século XVIII, sua história foi marcada por forte resistência diante da imposição cultural, religiosa e linguística que vinha do outro lado feito uma tempestade sem fim. A árdua luta de guerreiros e guerreiras Xakriabá contra o sistema colonial, e posteriormente imperial e republicano, manteve vivo o modo de ser desse povo, preservando parte de sua cultura tradicional e de sua espiritualidade. No entanto, devido a sucessivas repressões violentas, a língua do povo Krẽka foi adormecida, sobrevivendo na memória dos que já foram e na luta por sua retomada dos que estão hoje. Nesse sentido, este artigo trata do estudo de um dos símbolos dessa luta, representado por uma gravação feita pelo sábio e professor Xakriabá Zé Alves, na qual ele registra o seu uso da língua Xakriabá dos encantados. De modo a tentar captar toda a riqueza dessa gravação, a análise da língua dos encantados proposta neste trabalho foi feita, por um lado, com base nos saberes do povo Krẽka e, por outro, a partir dos conhecimentos da linguística não indígena. O resultado deste estudo, que inicialmente segue por dois caminhos distintos, encontra, no fim, um lugar comum, o de que a fala de Zé Alves representa um símbolo da luta pela retomada linguística do povo Krẽka-Xakriabá.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

Introdução

No dia 5 de março do ano de 2025, um estudante do curso de licenciatura em Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás e autor deste artigo, o Durkwa Krẽka, apresentou para seu orientador, também autor deste artigo, Mário André, um áudio de dois Xakriabás em que um deles fala na língua tradicional de seu povo. Sabendo do interesse do povo Xakriabá na revitalização de sua língua, a qual deixou de ser falada como língua do cotidiano já há algumas décadas, o professor, junto com o colaborador e coautor deste trabalho Diogo Koga, propôs a discussão do conteúdo presente na gravação entre as alunas e alunos Xakriabá, como uma atividade de Prática como Componente Curricular (PCC), do referido curso (UFG, 2024). Este trabalho é, desta forma, o resultado da discussão junto aos alunos Xakriabá das PCCs do primeiro semestre letivo de 2025 (ocorrida entre 23 e 27 de maio de 2025) e dos primeiro e segundo semestres letivos de 2026 (ocorridas, respectivamente, entre os dias 12 e 16 de maio e 19 a 22 de outubro de 2026), todas na aldeia Caatinguinha, na Terra Indígena (T.I.) Xakriabá.

O povo Xakriabá (com um outro endônimo tradicional, Krẽka) se encontra atualmente em dois territórios demarcados (T.I. Xakriabá e T.I. Xakriabá-Rancharia), em três em processo de demarcação (Caraíbas, Dizimeiro e Morro Vermelho), no município de São João das Missões, no norte de Minas Gerais, em um território em processo de retomada no município de Cocos, no estado da Bahia, e espalhados por diversas cidades e fazendas do Brasil. Parte da região onde os Xakriabá se encontram hoje é apenas uma parcela de terra que foi doada, em 10 de fevereiro de 1728, por Januário Cardoso, um bandeirante que explorou a região à época, e que compreendia uma faixa de terra entre os rios Itacarambi, ao norte, e Peruaçu, ao sul, ambos desaguando no rio São Francisco. Seu território tradicional, por outro lado, era mais amplo e abarcava, junto com o dos Akroá-Mirim, a porção oeste do estado da Bahia, a porção noroeste do estado de Minas Gerais, na margem esquerda do rio São Francisco, e a região leste dos atuais estados do Tocantins e Goiás. O último censo do IBGE (2024) contabilizou 13.370 indivíduos autodeclarados como pertencendo à etnia Xakriabá.

A língua tradicional do povo Krẽka, o Xakriabá (*Glottocode*: xakr1238), pertence ao ramo Akuwẽ (também conhecido por Jê Central, *Glottocode*: jece1235) da família Jê, tronco Macro-Jê (Rodrigues, 1999; Nikulin, 2020). Segundo estimativas dos autores deste artigo, a língua Xakriabá deixou de ser transmitida intergeracionalmente há aproximadamente 70 ~ 100 anos, encontrando-se atualmente em estado de dormência (Sirêpte Xakriabá, comunicação pessoal, 2025). Um fato guardado na memória histórica do povo que explica, ao menos em

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

parte, o fim da transmissão da língua tradicional, é a chamada Segunda Guerra. Ocorrido há aproximadamente 100 anos, esse evento consistiu em uma série de conflitos nas regiões da Caatinguinha e Imbaúba, motivados pela repressão, por parte de não indígenas, das práticas rituais dos Xakriabá.

Sua afiliação genética foi estabelecida a partir de duas listas de palavras do século XIX, coletadas por L. W. von Eschwege (1830) e M. Auguste de Saint-Hilare (1848). Ambos coletaram dados com a senhora Maria Rosa, que habitava o aldeamento de Santana do Rio das Velhas (atual município de Indianópolis / MG). Ela era uma remanescente de um grupo Xakriabá que foi forçado a migrar para esse aldeamento, fora do território tradicional do povo, no século anterior, quando a região pertencia à Capitania de Goiás. Além do Xakriabá, o ramo Akuwẽ é composto por duas línguas ainda faladas cotidianamente, Akwẽ-Xerente (*Glottocode*: xere1240) e A'uwẽ Uptabi (conhecido na literatura por Xavante, *Glottocode*: xava1240), e por, ao menos, outras duas línguas cujo uso cotidiano foi interrompido, o Akroá-Mirim (*Glottocode*: acro1239) e o Xavante falado no aldeamento de Salinas, onde hoje se localiza Bandeirantes, distrito de Nova Crixás, no estado de Goiás (Ehrenreich, 1895; sem *Glottocode*).

Há alguns anos, o povo Xakriabá vem se organizando num movimento para a retomada linguística e, sabendo da filiação genética enquanto língua Akuwẽ, tem como base, em muitos momentos, o povo e a língua Akwẽ-Xerente. Mas, mais importante que essa referência, são as lembranças e conhecimentos tradicionais dos mais velhos que sustentam o movimento de revitalização, e a gravação analisada neste trabalho surge exatamente dessa postura.

O artigo está organizado da seguinte maneira: na Seção 1, detalhamos o conteúdo da gravação, seus participantes e o contexto no qual foi feita. A Seção 2 apresenta uma análise do conteúdo linguístico, textual e cultural do ponto de vista dos autores Xakriabá, por meio de sua epistemologia tradicional. A Seção 3, por sua vez, apresenta uma outra análise, considerando os conhecimentos científicos da linguística não indígena. A Seção 4 fecha o trabalho, discutindo as similaridades e tensionamentos entre duas visões epistêmicas distintas sobre um mesmo objeto. O artigo conta ainda com um Apêndice, com a transcrição, na íntegra, da gravação.

1. A gravação

O arquivo compartilhado por Durkwa é a digitalização de uma gravação sem data e sem local informados. Contudo, por meio de conversas com membros da comunidade e com Kléber Gesteira Matos (comunicação pessoal, 2026), ela provavelmente foi realizada durante as atividades da primeira turma do Programa de Implantação de Escolas Indígenas (PIEI), organizado pela Universidade Federal de Minas Gerais, no ano de 1996, no Parque do Rio Doce

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

/ MG. Durkwa teve acesso a essa gravação por meio do Pajé Sirêpte Xakriabá, da aldeia Imbaúba e primo do senhor José Alves, um dos participantes da gravação.[1]

No início da gravação, o ouvinte é apresentado aos dois participantes: o já mencionado José Alves (Zé Alves), da aldeia Riacho do Brejo, que participa das diversas seções falando ora em língua portuguesa, ora em língua Xakriabá, e o senhor Antônio Fernandes Guimarães (Toninho), da aldeia Peruaçu, que fala somente a língua portuguesa. Ambos são pertencentes à etnia Xakriabá.

A gravação tem duração total de 29'14" e é dividida em seis partes, descritas abaixo:

1. De 00'00" até 06'20" – Introdução, em que Zé Alves apresenta a si e a Toninho, informando que o objetivo da gravação é registrar a língua Xakriabá para que ela possa ser retomada pela comunidade. Logo após essa breve introdução, eles cantam uma Folia de Reis, em que, alternadamente, Toninho canta um verso em português, acompanhado por um violão, e Zé Alves realiza a tradução do verso cantado anteriormente;
2. De 06'20" até 13'20' – Segue-se a mesma dinâmica da seção anterior, em que Toninho alterna com Zé Alves: o primeiro recita versos de um samba em português, porém sem o acompanhamento do violão, e o segundo traduz os versos para o Xakriabá;
3. De 13'20" até 17'45" – Repete-se a dinâmica das seções anteriores, com a tradução da música 'Menino da Porteira', sem o acompanhamento do violão;
4. De 17'45" até 19'43" – Toninho faz considerações sobre as partes anteriores da gravação. Esta seção está em português, já que Toninho não sabe a língua tradicional;
5. De 19'43" até 25'41" – Zé Alves fala um pouco sobre a alegria de estar participando das atividades da Universidade, primeiro em língua Xakriabá e depois em língua portuguesa;
6. De 25'41" até 29'14" – Zé Alves faz uma última reflexão em Xakriabá, acompanhado ao som do violão, e a gravação finaliza com uma explicação pelo próprio Zé Alves, em português, do que foi dito.

A gravação, dada à época e ao chiado de fundo, provavelmente foi registrada originalmente em fita. A transcrição foi feita de oitiva, devido ao ruído que impede uma análise espectrográfica adequada e pelo fato de termos tido acesso ao arquivo em formato .mp3, o que é outro obstáculo para uma análise fonética mais acurada. Dessa forma, temos ciência de que a transcrição pode não ser totalmente fiel ao que foi dito por Zé Alves em língua Xakriabá.

[1] Agradecemos imensamente a Sirêpte por ter entrado em contato com José Alves e pedido a autorização dele para o uso da gravação para a publicação deste trabalho. Uma primeira versão deste artigo foi compartilhada com José Alves, por intermédio de Darlene Cavalcante Dourado, uma das autoras do trabalho.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

Utilizamos, na transcrição (ver Apêndice), uma ortografia prática baseada na ortografia do Akwẽ-Xerente e da retomada do Xakriabá. Contudo, tivemos de adicionar alguns grafemas e diacríticos para indicar fones ausentes da língua Akwẽ-Xerente. Um resumo da ortografia utilizada e a íntegra da transcrição pode ser encontrada no Apêndice.

2. Análise do conteúdo na perspectiva Krẽka

A gravação traz a fala de Zé Alves, que é uma pessoa muito importante para o povo Xakriabá, porque ele, quando era professor, foi o responsável por iniciar a retomada da língua ancestral. Tanto ele quanto seus pais têm uma conexão forte com a espiritualidade e foi esse dom divino que o inspirou a buscar a ancestralidade para voltar a falar a língua do povo Xakriabá.

Apesar de nem ele nem seus pais e avós terem tido contato com a língua do cotidiano dos antepassados, Zé Alves foi aprendendo a língua por meio de sua conexão com os encantados, no terreiro de casa e durante os rituais. Nós, Xakriabá, reconhecemos que a língua que ele fala é bem diferente da língua que foi registrada pelos viajantes há 200 anos e também é muito distinta do Akwẽ falado por nossos parentes Xerente, porque como Sirêpte (comunicação pessoal, 2025) explica, quando o Zé Alves fala o idioma, ele escuta alguma coisa, fala o que ouve, mas quando a voz sai da boca, sai como a língua dos encantados. O espiritual às vezes fala para a pessoa e ela ouve diferente. Acontece depois de nem a própria pessoa lembrar como ela falou ou cantou. Um exemplo disso é que, quando ele era professor na aldeia Riacho do Brejo, às vezes ele usava palavras que as crianças não entendiam. Os alunos tinham que prestar bem atenção no que ele dizia, porque o que ele falava ficava lá, ele não repetia.

Mesmo o português que Zé Alves fala é diferente: por exemplo, ao invés de falar ‘sandália’, ele fala ‘xandaia’, muito parecido como o povo de antigamente falava. Naquela época mais antiga, tinha um grupo de velhos das aldeias do Riachinho e da Imbaúba que se juntava de madrugada para conversar e só eles entendiam essa conversa. Quando eles falavam, pareciam um porco roncando, com o perdão da comparação. Hoje, ainda têm alguns anciãos que sabem a língua nessas duas aldeias, mas eles não compartilham o conhecimento, porque sofreram muita violência e não querem que os jovens passem pelo mesmo que eles passaram.

O Zé Alves, quando fez essa gravação, queria transmitir esse conhecimento dele, porque ele tinha ciência que se deixasse resguardado, os outros não iam aprender. Mas o jeito de ensinar dele era diferente: a gente também aprende fora das quatro paredes, com a escola da vida. Os anciões não têm o conhecimento acadêmico, mas têm a experiência que foram juntando com

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

anos de observação e prática. O pensamento e os sonhos também são fonte para a criação do conhecimento tradicional. Para aqueles que tem o dom da espiritualidade, a partir do pensamento, músicas podem ser criadas por meio desse dom.

Os conhecimentos dos antigos precisam ser valorizados, porque é por meio deles que se fortalece a cultura. As rodas de conversa que eram feitas até um tempo atrás, em redor da fogueira, eram momentos de repassar o conhecimento. A retomada do idioma materno é importante, porque a língua preserva a cultura e a nossa história, e o nosso povo Xakriabá não aprendeu o português porque quis, mas porque foi obrigado. O que ficou adormecido, a gente tenta acordar.

No caso de Zé Alves, esse dom espiritual que ele herdou da família trouxe o conhecimento da língua dos encantados. Esses saberes sempre circularam na comunidade, inclusive a língua. A gente sabe de histórias do povo cantando durante os rituais e que quando terminava a cantoria, ninguém sabia o significado do que tinha sido cantado. O próprio Zé Alves, quando morava no território, realizava encontros com os adultos, em que as crianças não podiam participar, pois não guardariam os segredos. Zé Alves carrega com ele uma dádiva que não escolheu, porque, assim como um pajé não escolhe ser pajé, essa conexão com o mundo dos encantados vem de nascença e se fortalece a partir dos sonhos, do cachimbo, do maracá e das pinturas corporais.

O Kléber Matos (comunicação pessoal, 2026), que foi professor de Zé Alves no PIEI, contou para o Mário que no primeiro ano de curso, lá em 1996, Zé Alves estava com um gravador e que ele contava para os colegas que tinha sonhado com a língua e então compartilhava frases, palavras, cantos etc. e gravava. Essa gravação que tivemos acesso provavelmente é dessa época e daí faz todo sentido que o Xakriabá que ele fala nas gravações seja diferente do Xakriabá que foi registrado por Eschwege e Saint-Hilaire no início do século XIX. Essa variedade que ele registrou na gravação junto com Toninho, ele não aprendeu com os antepassados quando eram vivos, porque não teve contato com quem falasse essa língua. Ele aprendeu nos sonhos, com os antepassados já ancestralizados, e resolveu ensinar para seus alunos porque sabia da importância da retomada linguística para o fortalecimento de nossa cultura. Ele sabe que um povo só é forte se a sua cultura estiver viva e presente no dia a dia da comunidade.

A gente sabe que língua Xakriabá dos encantados não é a mesma da que nossos antepassados usavam no cotidiano, mas essa diferença só enriquece o nosso povo e nossa cultura. Mesmo que a maioria de nós, Xakriabá, não tenhamos uma conexão tão forte com a espiritualidade, esse registro que Zé Alves nos deixou foi o que inspirou nosso povo a retomar

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

a língua ancestral e isso não tem preço. Uma de nossas lutas hoje é para retomar a nossa língua e para que possamos usar ela no nosso cotidiano, assim como os avós de nossos avós faziam. A gente sabe que esse esforço não dá resultados da noite para o dia e pode ser que nós nem vejamos o resultado disso. Essa luta é para as crianças que estão aqui hoje, para os filhos e netos delas que ainda nem nasceram.

3. Análise do conteúdo na perspectiva não indígena

A gravação de Zé Alves contém o registro de uma fala dos encantados, peça fundamental do acervo de línguas associadas ao povo Xakriabá. Do ponto de vista das ciências da linguagem não indígenas, registros como os de Zé Alves caracterizam um fenômeno chamado de discurso mântico (*mantic speech*), que consiste em sentenças inspiradas por entidades não humanas (encantados) e proferidas por um corpo humano (Leavitt, 1999). Mais especificamente, estamos lidando com um tipo de discurso mântico denominado glossolalia, que é um fenômeno de fala caracterizado por sons vocais combinados de acordo com padrões fonológicos específicos para expressar o que o falante considera ser uma língua, a qual não possui conteúdo lexical prévio conhecido por ele (Bonfim, 2015, p. 75).

A língua dos encantados dos Krẽka-Xakriabá já foi estudada de modo a demonstrar o seu valor na retomada linguística desse povo (cf. Rodrigues & Silva, 2024). No entanto, devido ao seu caráter sociolinguístico, esse estudo não chegou a propor uma análise descritiva dessa língua. Nesse sentido, esta seção pretende contribuir com a primeira descrição linguística do discurso mântico do povo Krẽka. O argumento de que esse discurso consiste em um caso de glossolalia (pela ótica dos não indígenas) é sólido, já que a gravação tem qualidade suficiente para demonstrar que i) não é possível identificar palavras/morfemas; e ii) algumas "traduções" de versos repetidos (em especial na parte 2, 'samba', da gravação) claramente não são as mesmas. Essas são características prototipicamente associadas à glossolalia e serão demonstradas na subseção 3.1. Por sua vez, também descartamos a possibilidade de o registro de Zé Alves corresponder a uma possível língua do ramo Akuwẽ até então desconhecida, assunto da subseção 3.2.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

3.1. Demonstração de que é glossolalia

De modo a demonstrar que a gravação de Zé Alves configura um caso de glossolalia, vamos analisá-la a partir das características que definem esse fenômeno linguístico, conforme disposto em (1).

(1) Características da glossolalia (Bonfim, 2015, p. 75)

(1a) um fenômeno de fala marcado pela emissão de sons vocais organizados conforme certos padrões fonológicos;

(1b) com intenção de representar uma língua;

(1c) ainda que o falante não possua nenhum conhecimento prévio de seu vocabulário;

(1d) e não há correspondência direta entre signo e significado.

A organização dos sons vocais em padrões fonológicos (1a) pode ser identificada na gravação a partir do uso recorrente de algumas estruturas, como a repetição de "sílabas tônicas" [-ˈkə̃], de vogais tônicas nasais (principalmente [ə̃] e [ũ]), do ditongo [aj], de "palavras" que começam com [Vɾaj-] (sendo V [-alto]), do padrão [-bVɾV-] (em especial [-bũɾũ-]). Essas repetições são identificadas ao longo de toda a gravação, contudo, de modo a exemplificar esse comportamento, trazemos um caso de repetição de estruturas silábicas em um mesmo "verso", apresentados em (2), a seguir, utilizando a ortografia prática.

(2a) (10'01") *mũkũ tahaikã kãhaikã aipũ*

(2b) (13'12") *nũtãbã* [riso] *anaôpĩ neôbã naixĩ anaôpã*

A intenção de representar uma língua, característica (1b), fica evidente no momento em que a fala de Zé Alves se configura como uma tradução para a língua Xakriabá da fala de Toninho. O fato de Zé Alves mencionar que o objetivo da gravação é o registro de sua fala como material para a retomada linguística pelo povo Krẽka é outro indício de que o que é dito por ele é entendido como língua.

Por sua vez, a ausência de correspondência direta entre signo e significado pode ser identificada em diversas partes da gravação a partir da repetição de estruturas nos versos em português que não se repetem nos versos em Xakriabá. De modo a demonstrar esse descompasso, trazemos alguns trechos em que encontramos as mesmas sentenças em português

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

sendo traduzidas de formas distintas para o Xakriabá. Na segunda seção da gravação, há um mesmo verso em português, que é repetido três vezes, com traduções distintas para o Xakriabá, conforme ilustra (3). Compare-se também (4a), (4b) e (4c), em que o mesmo verso, em momentos diferentes da gravação, é traduzido de três maneiras completamente divergentes.

(3a) (6'22") 'Vou-me embora, vou-me embora'
(6'24") *õnahora, õnawkã tãrawpã*

(3b) (6'41") 'Vou-me embora, vou-me embora'
(6'44") *ãnãw hõn, ãnãw hõn, nãw kãig*

(3c) (9'48") 'Vou-me embora, vou-me embora'
(9'50") *hãrũm tmɑ̃rã hõrãipã anawkã*

(4a) (7'03") 'A mulher tá morrendo de fome'
(7'06") *anẽ aõgri taraikõ da mõrɛ̃na kõm*
(7'10") 'e o menino de tanto chorar'
(7'14") *pikõ ãtô pĩrĩgĩ tõrãitô atũ*

(8'31") 'a mulher tá morrendo de fome e o menino de tanto chorar'
(8'35") *kẽrêôpã bônãikĩ ẽnaixô nakãw bônãihã*

(4b) (9'00") 'A mulher tá morrendo de fome e o menino de tanto chorar'
(9'03") *ãmbrabrê ta têiai têraifu canãpũ cũnãitũ*

(4c) (9'19") 'A mulher tá morrendo de fome'
(9'21") *ɔ̃iu, mãmãgrê atã mẽkairaibũ*
(9'25") 'e o menino de tanto chorar'
(9'26") *iwliutri tarai sarãtũ*

Para além dos trechos acima, também encontramos casos, na segunda seção, em que há a tradução de trechos de vocalise (5) e do nome próprio 'Joaninha' (6).

(5a) (7'54") 'Lalaê, oê oá'

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(7’56”) *lâlâdkũ lâôtã lâôtã*

(5b) (8’00”) ‘Ô de lá laê’
(8’02”) *kõ, buniwkã mulairã*

(6a) (10’06”) ‘Eu que levo Joaninha’
(10’08”) *mã ti kô haikiaim bãraihũ*

(6b) (10’22”) ‘Nem que eu canse meu cavalo, mas eu que quero Joaninha’
(10’25”) *nêwpã nêwhugaw kenewkã aihana ipanew kiawpã*

(6c) (10’55”) ‘Mas eu que levo Joaninha’
(11’00”) *mai kĩrẽwpã hêãm bôraistũ*

No entanto, apesar de propormos que a gravação de Zé Alves configura em um caso de glossolalia, este parece ser um caso não prototípico desse fenômeno. Isso porque, se considerarmos os traços definidores de glossolalia elencados em Bonfim (2015, p. 75) e dispostos em (1), alguns deles são encontrados parcialmente nessa gravação, tais quais (1c) e (1d).

A comparação entre a transcrição do áudio e sua tradução mostra que alguns itens lexicais da língua Xakriabá ancestral podem ser identificados, uma divergência do traço (1d). Algumas das palavras identificadas são *mãmãg ~ mãmắgi* ‘pai’ (7) e *pikõ* ‘menino’ (8). Os exemplos *istragro* (9), *oitômõrĩ* (10), *bakôtốgô* (11) e *bikốgô* (11), retirados da quinta e sexta partes da gravação, apesar de não contarem com uma tradução imediatamente antes ou depois das frases em língua Xakriabá, têm seus significados de ‘sol’, ‘estrela’, ‘moça’ e ‘mulher’ inferidos a partir dos comentários em português feitos por Zé Alves ao final de cada uma das seções.

(7a) (6’52”) *nãwpã nõdõpãi hãnãô* ***mãmãg*** *ẽtẽ*
‘Eu bem que falei para meu pai’

(7b) (8’26”) *gẽ kô bõnahew õtô rô* ***mãmắgi*** *ẽkẽ naw kerekã ôkara akã*
‘Bem que eu falei pra meu pai, que eu não queria casar’

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(8) (7’15”) ***pikõ*** *ãtô pĩrĩgĩ tõrãitô atũ*
‘e o menino de tanto chorar’

(9a) (23’29”) *eoci, u* ***istragro****, aioto danama tãbẽi pã*

(9b) (23’40”) *u* ***istragro*** *tãmẽi ke, u ãgrâ, ĩgrâ, tu nuita*

(10) (23’34”) *waiato dôramara, hadaici awfũ, wai* ***oitômõrĩ*** *estaraiklĩ*

(11) (25’46”) *êwsõn oz* ***bakôtőgô bikőgô*** *tãbẽi kêi*

Sabemos que essas palavras faziam parte do léxico Xakriabá, pois as encontramos em listas vocabulares produzidas durante o século XIX por dois viajantes europeus, Eschwege (1830) e por Saint-Hilaire (1848), conforme exemplificado nos exemplos (12) a (16). Suspeitamos que, em dado momento, Zé Alves pode ter tido acesso à lista de Eschwege (1830), ou a versões mais recentes dela, e, com menor probabilidade, à lista de Saint-Hilaire (1848), o que possibilitou que esses itens lexicais do Xakriabá do cotidiano dos antepassados fossem utilizados no discurso mântico do Xakriabá dos encantados. O acesso a essas listas consiste em uma divergência do traço definidor de glossolalia (1c). Os cognatos dos itens registrados para o Xakriabá e utilizados por Zé Alves se encontram nos exemplos (12) a (16) a seguir:[2]

(12) XAK <mamang> ‘pai’ (Eschwege, 1830, p. 95), <aïmaman> ‘menino’ (Saint-Hilaire, 1848, p. 289) → XAV /-mə̃mə̃/ ‘pai’, XER /-mmə̃/ ‘pai’, XSL #-mə̃ (<ima> ‘pai’, Ehrenreich 1895, p. 154) ← PAk *-*mə̃mə̃* ‘pai’[3]

[2] Nos exemplos, utilizaremos os seguintes códigos para as línguas: XAK – Krẽka-Xakriabá; AKR – Akroá-Mirim; XAV – Xavante / A’uwẽ Uptabi; XER – Akwẽ-Xerente; XSL – Xavante de Salinas; PAk – Proto-Akuwẽ. O asterisco * indica uma forma reconstruída e a cerquilha # uma forma restituída (Constenla Umaña, 2000).

[3] Saint-Hilaire (1848, p. 290, nota de rodapé 1) faz uma observação de sobre a transcrição do Xakriabá realizada por Eschwege (1830), dizendo que o <-ang> registrado pelo viajante alemão é, na realidade, a pronúncia do <-an> francês, logo, é possível, juntamente com os dados do Akwẽ-Xerente e do A’uwẽ Uptabi, a restituição da nasalidade da vogal em (12) e, analogamente, em (13) e (16).

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(13) XAK <bicong> ‘filha’ (Eschwege, 1830, p. 95), <picon> ‘mulher’ (Saint-Hilaire, 1848, p. 289) → XAV /piʔũj/ ~ /piʔũ/ ‘mulher’, XER /pikõj/ ~ /pikõ/ ‘mulher’, XSL #pikõ (<piko> ‘mulher’, Ehrenreich 1895, p. 154) ← PAk **pikõc* ~ **pikõ* ‘mulher’[4]

(14) XAK <estagró> ‘sol’ (Eschwege, 1830, p. 96), <stacró> ‘sol’ (Saint-Hilaire, 1848, p. 289) → XAV /ʦadaʔɾɔ/ ‘sol’, XER /sdakɾɔ/ ‘sol’ ← PAk **cadakɾɔ* ‘sol’

(15) XAK <oaitomorin> ‘estrelas’ (Eschwege, 1830, p. 96), <uaïtemuri> ‘estrelas’ (Saint-Hilaire, 1848, p. 289) → AKR <uiainieto> ‘estrela’ (Martius, 1867, p. 146), XAV /waʦi/ ‘estrela’, XER /waj/ ~ /wa/ ‘lua’, XER /wasi tɔ/ ‘nomes de alguns astros’,[5] XSL #wa (<uā> ‘lua’, Ehrenreich 1895, p. 153), XSL #waʃi-je ‘estrelinha’ (<wašiä> ‘estrela’, Ehrenreich 1895, p. 153) ← PAk **wac* ~ **wa* ‘lua’, **waci* ‘estrela’, **waci tõmõ* ~ **waci tɔ* ‘nomes de alguns astros’

(16) XAK <bacotong> ‘filha’ (Eschwege, 1830, p. 95) → AKR <dewakonó> ‘filha’ (Martius, 1867, p. 146) XAV /baʔũtũ/ ~ /baʔũnũ/ ‘menina’, XER /baktõ/ ~ /baknõ/ ‘menina’ ← PAk **bakõtõ* ~ **bakõnõ* ‘menina’

O fato da gravação de Zé Alves divergir da definição de glossolalia nos traços (1c) e (1d) parece indicar não apenas que esse é um caso não prototípico desse fenômeno, mas mais especificamente, que parece se tratar de um misto de glossolalia e xenoglossia. Esse último corresponde ao fenômeno em que uma pessoa tem a capacidade de falar ou compreender uma língua estrangeira desconhecida por ela. Um sincretismo desse tipo, entre dois tipos de discursos mânticos, pode ser explicado, em partes, pelo contexto em que a gravação foi realizada, isto é, com o intuito de retomar a língua ancestral Xakriabá.

Para além dos itens lexicais da língua Xakriabá ancestral, encontramos palavras que podem ser relacionadas ao léxico de outras línguas. Por exemplo, identificamos o item lexical [tuˈpə̃] do Tupi Antigo, na tradução de Zé Alves para ‘Deus’, que ocorre em um trecho cantado por Toninho. Também identificamos as seguintes palavras e sentenças do português na tradução de Zé Alves: ‘rezar’, ‘menino’, ‘visitar’, ‘dentro’, na primeira seção; ‘plantar’, ‘vidro’, ‘mas ela

[4] Os dados de XAV e XER, em (13), (15) e (16), e a reconstrução do PAk, nos mesmos exemplos, vêm aos pares por se tratarem de alternâncias fonossintáticas em que o primeiro item (forma medial) ocorre quando o morfema é seguido por outro na mesma palavra fonológica (isto é, quando é seguido por um sufixo ou clítico ou, ainda, quando não é o elemento mais à direita em um composto) e o segundo (forma final) ocorre quando o morfema não conta com nenhum outro morfema à sua direita na mesma palavra fonológica.

[5] No dicionário de Krieger e Krieger (1994, p. 53), o sintagma *wasi to* sempre vem acompanhado de algum modificador: *wasi to pre pê* ‘Marte’, *wasi to prerê* ‘Júpiter’ e *wasi to pre zawre* ‘Estrela d’Alva’.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

também bebe também', na segunda seção; e 'toca', 'viagem/viajar', 'apeei/apear', 'quem matou', na terceira seção. Se estivéssemos diante de uma língua amplamente utilizada em diversos contextos e espaços e cuja transmissão intergeracional não foi interrompida, dificilmente todos esses termos seriam emprestados do português

Além dos empréstimos lexicais do português supracitados, ainda encontramos, na quinta seção da gravação, algumas orações muito similares ao português, tais quais: (20'24") *nois tômaki* (nós estamos aqui); (20'57") *nois kêrémo* (nós queremos), (21'21") *êaô tãmbẽi êw gôraitẽi agradisê* (eu também gostaria de agradecer), (22'01") *iew stô agradêsê dâi pã* (e eu estou agradecendo), (22'06") *hew kêw kéru* (é o que eu quero), (23'44") *bota naixtora* (botar na história) e (26'52") *mewkũpãiêrêi tãbẽi nũgóstâ* (meu companheiro aí também não gosta).

Em suma, concluímos que, do ponto de vista da ciência não indígena, a gravação de Zé Alves apresenta características associadas ao fenômeno de glossolalia, como o descompasso entre signo e significado, padrões fonológicos recorrentes e a influência espiritual na aquisição dessa língua. No entanto, alguns aspectos dessa gravação divergem da glossolalia prototípica, como a presença de itens lexicais de línguas conhecidas e a intenção de representar o Xakriabá ancestral, apontando para outros tipos de discursos mânticos, como a xenoglossia. Se, por um lado, essas conclusões indicam que a língua falada por Zé Alves não corresponde ao Xakriabá falado pelos antepassados, por outro, não implica que essa língua não seja uma língua do povo Xakriabá, configurando uma espécie de Xakriabá dos encantados.

Na subseção a seguir, propomos a hipótese de que a fala de Zé Alves não corresponde ao Xakriabá ancestral a partir da demonstração de que sua língua não pode ser classificada como uma língua do ramo Akuwẽ, considerando os pressupostos teóricos da Linguística Histórica.

3.2. Demonstração de que não é uma língua Akuwẽ

Nesta seção, demonstramos, a partir de evidências fonéticas e fonológicas, como a língua falada por Zé Alves não está relacionada diretamente ao ramo Akuwẽ.

As primeiras evidências que trazemos, de caráter discreto, fazem referência ao inventário fonético dessas línguas. A análise da transcrição da gravação mostra que alguns fones identificados na fala de Zé Alves não são encontrados em nenhuma das línguas Akuwẽ, tais quais: [l], [r], [f], [β] e [ɯ] (conferir inventários no Apêndice).

Do ponto de vista quantitativo, no discurso de Zé Alves, há uma alta frequência dos fones [ũ] e [o], algo inesperado pelo que se sabe das línguas Akuwẽ, pois a presença de [ũ] é

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

recente no A'uwẽ Uptabi, vindo do alçamento do **õ* da proto-língua, e apenas dois tipos com /ũ/ foram identificados por nós no Akwẽ-Xerente, a saber: o nome próprio *Samũru* e os demonstrativos *kũhã* 'aquele' e *kũwa* 'acolá', claramente derivados de um tipo *kũ*.[6] Por sua vez, /o/ tem baixa frequência de tipo nas duas línguas, Akwẽ e A'uwẽ, mas alta frequência de ocorrência. De modo contrário, há uma baixa frequência de [ə] e de [ĩ] na fala de Zé Alves, mas ambas apresentam alta frequência de tipo e de ocorrência em Akwẽ-Xerente.

Identificamos também comportamentos distintos com relação à frequência de estruturas silábicas, como a alta frequência de hiatos e de palavras iniciadas por vogal na fala de Zé Alves, padrões ou inexistentes, como no caso do A'uwẽ, que não conta com hiatos, ou que correspondem a inovações recentes, como o surgimento de hiato em Akwẽ, devido à queda da fricativa glotal (por exemplo, /bɾupahi/ → [bɾupaˈi] 'andorinha'). Tanto no Akwẽ quanto no A'uwẽ, as únicas vogais que podem iniciar uma palavra são /a/ e /ĩ/.[7] Além disso, encontramos na língua Xakriabá dos encantados sílabas sem concordância de nasalidade entre *onset* e núcleo [DṼ], comportamento não encontrado nas línguas Akuwẽ.[8] Ainda sobre a estrutura silábica, a fala de Zé Alves também apresenta baixíssima frequência de *onsets* complexos formados por uma obstruinte grave e por um tepe [pɾ], [bɾ], [mɾ] e [kɾ], padrão com alta frequência de tipo nas línguas Akuwẽ.

Assim, a comparação entre os inventários fonéticos das línguas Akuwẽ e os fones identificados na fala de Zé Alves, bem como de suas estruturas silábicas, indicam que, do ponto de vista linguístico, o Xakriabá dos encantados não corresponde a uma língua que possa ser incluída nesse ramo.

4. Considerações finais

Concluímos este artigo afirmando que, apesar de distintas, as duas visões apresentadas aqui, a de indígenas do povo Krẽka-Xakriabá e de não indígenas, convergem ao entenderem que a fala de Zé Alves, bem como seu registro, é um símbolo da luta pela retomada das línguas Xakriabá. Falamos em línguas, no plural, pois o estudo dessa gravação evidenciou a existência

[6] No dicionário de Krieger e Krieger (1994), há ocorrência de outros itens lexicais com <ũ>, contudo sempre seguidos pelo grafema <m>, como em *kũmdi* 'batata'. Casos como este são, muito provavelmente, um equívoco por parte dos autores, talvez influenciados pelo fato de serem falantes nativos do português. Nestes casos, a vogal é oral, seguida pela coda nasal: /kumdi/.

[7] Isto, obviamente, se considerarmos que o **k* inicial do Proto-Akuwẽ seguiu o padrão geral de evolução no A'uwẽ e se transformou em /ʔ/, não indicado na ortografia dessa língua quando em início de palavra, e não em Ø.

[8] Em Akwẽ, essa concordância não é mais encontrada em alguns casos, devido à queda de algumas vogais e da fricativa glotal, que tem por consequência a possibilidade de uma sequência de uma consoante nasal em posição de *onset* e de uma vogal oral como núcleo [DV], como em PAk **nĩhanẽ* 'como' → XER /nhanẽ/ [nhaˈnẽ] ~ [naˈnẽ].

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

de duas línguas do povo Krẽka, a língua Xakriabá cotidiana, utilizada por seus antepassados e atualmente em estágio dormente, e a língua Xakriabá dos encantados. Ainda podemos somar a essas duas, a Língua Indígena Xakriabá de Sinais (LIXS), utilizada por pessoas surdas da comunidade e que ainda carece de descrição, mas foi tema de um trabalho etnográfico e sociolinguístico (Ferrari, 2024).

Temos ciência de que projetos de retomada linguística são de longo prazo e exigem um processo de esforço coletivo, que envolva a comunidade como um todo, incluindo seus mais diversos espaços, privados e comunitários. Nesse sentido, a língua Xakriabá dos encantados presente na fala de Zé Alves, bem como o estudo sobre ela conduzido nesta pesquisa, surge como um patrimônio imaterial capaz de permear todos esses espaços, como símbolo da memória e da espiritualidade do povo Krẽka. A importância dessa mobilização da comunidade se torna ainda mais essencial, quando esse engajamento é apontado como o principal fator de sucesso de projetos de retomada linguística (Amaral, 2020, p. 13).

No caso particular da luta pela retomada da língua Xakriabá cotidiana, cuja transmissão foi interrompida de forma violenta e traumática e que ainda é um tema tratado com bastante cautela por uma parcela do povo Krẽka, principalmente pelas pessoas mais velhas, a fala de Zé Alves é vista tanto como um ponto de partida, quanto como um símbolo dessa luta. Assim, mesmo que o registro de sua fala não contenha material linguístico a ser utilizado na retomada do Xakriabá cotidiano, ele carrega um importante valor espiritual, tornando-se uma das vozes que guiam o povo Krẽka pelo caminho das águas da retomada de sua língua.

Link para *Preprint*

Conflito de interesses

O(s) autor(es) não tem/têm conflitos de interesse a declarar.

Contribuição de autoria

Seguindo a taxonomia CRediT, todos os autores do trabalho contribuíram com os papéis *Formal Analysis*, *Investigation*, *Validation* e *Visualization*. Além disso, os autores Mário André Coelho da Silva e Diogo Issaburo Evangelista Koga contribuíram com os papéis *Conceptualization*, *Data Curation*, *Methodology*, *Project Administration*, *Supervision* e *Writing*.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Avaliou-se os roteiros da Equator Network e nenhum deles foi considerado relevante para o presente trabalho. Não foi feito um pré-registro do trabalho em repositórios institucionais independentes.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

Ética

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa *Documentação de línguas dos povos Akuwẽ*, aprovado pelos Comitês de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás e da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto sob os Pareceres nº 8.388.661 e 8.457.207.

Declaração de uso de Inteligência Artificial

Os autores declaram que nenhuma ferramenta de inteligência artificial generativa foi utilizada em nenhuma fase do desenvolvimento deste manuscrito.

Agradecimentos

Agradecemos imensamente a Kléber Gesteira Matos e ao pajé Dêda Sirêpte Xakriabá, pelas informações dadas sobre o contexto de produção da gravação e sobre alguns aspectos da espiritualidade Xakriabá. Agradecemos também a Juvana Evarista dos Santos, pela participação nas atividades de PCC do segundo semestre de 2026, com alguns comentários sobre história do povo Krẽka e pela leitura da primeira versão do texto. Agradecemos, ainda, ao Zé Alves, pela autorização no uso da gravação para produção deste artigo e por seu papel fundamental como professor e fomentador da retomada linguística nas aldeias Xakriabá.

Deixamos aqui, ainda, uma homenagem a um dos autores, Durkwa Krẽka, que faleceu antes que este trabalho ficasse pronto e que também era um entusiasta e agente na retomada da língua tradicional de seu povo.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

Referências

AMARAL, L. Strategies for endangered language revitalization and the Brazilian reality. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 3, p. 1–44, 2020.

CONSTENLA UMAÑA, La restitución: Un método lingüístico reconstructivo sincrónico. *Filología y Lingüística*, v. 26, n. 2, p. 161–180, 2000.

EHRENREICH, Paul. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens: III. Die Sprache der Akuä oder Chavantes und Cherentes (Goyaz). *Zeitschrift für Ethnologie*, v. 27, p. 149–162, 1895.

ESCHWEGE, L. W. von. *Brasilien die neue Welt in topographischer, geognosticher, bergmännischer, naturhistorischer, politischer und statistischer Hinsicht während eines elfjährigen Aufenthaltes von 1810 bis 1821, mit Hinweisung auf die neueren Begebenheiten.* Volume I. Brunsvique: Friedrich Bieweg, 1830.

FERRARI, Ana Carolina Machado. *A emergência da Língua Indígena Xakriabá de Sinais (LIXS) ou a Língua de Sinais Akwê Xakriabá de Sinais (LSAX) na Terra Indígena Xakriabá: Um olhar sobre a rede língua-território*. Dissertação (Mestrado em Letras). Núcleo de Ciências Humanas, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2024.

IBGE. *Censo Demográfico 2022: Indígenas: Principais características das pessoas e dos domicílios, por situação urbana ou rural do domicílio: Resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

LEAVITT, John. Prophecy. *Journal of Linguistic Anthropology*, v. 9, n. 1/2, p. 201–204, 1999.

MATOS, Kléber Gesteira. *Comunicação pessoal*. *Online*, 9 de abril e 4 de setembro de 2026.

NIKULIN, Andrey. *Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

RODRIGUES, Aryon Dall'lgna. Macro-jê. In DIXON, Robert Malcolm Ward; AIKHENVALD, Alexandra (Eds.). *The Amazonian Languages*, p. 165–206, 1999.

RODRIGUES, A. P. S.; SILVA, M. A. de O. The Xakriabá Chants and the Akwẽ Language Reclaim. *Cadernos de Linguística*, Campinas, SP, Brasil, v. 5, n. 1, p. e691, 2024. DOI: 10.25189/2675-4916.2024.v5.n1.id691. Disponível em: https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/691. Acesso em: 5 nov. 2026.

SAINT-HILAIRE, M. Auguste de. *Voyage aux sources du rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz*. Tomo II. Paris: Arthus Bertrand, 1848.

UFG – Universidade Federal de Goiás. *Projeto Pedagógico de Curso: Educação Intercultural*. Goiânia: Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, 2024.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

XAKRIABÁ, Dêda Sirêpte. *Comunicação pessoal*. Aldeia Imbaúba, T. I. Xakriabá, São João das Missões / MG, maio de 2025.

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

APÊNDICE

Apresentamos neste Apêndice dois quadros, com uma ortografia prática utilizada na transcrição da gravação e os fones correspondentes. No Quadro 1, encontram-se as consoantes e, no Quadro 2, as vogais. Os grafemas da ortografia prática são apresentados entre parênteses angulares e os fones utilizam os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional entre colchetes. A ortografia prática foi baseada na ortografia do Akwẽ-Xerente, quando há coincidência entre fones entre essa língua e o Xakriabá como falado por Zé Alves, tendo em vista a proximidade genética entre as duas línguas e o fato de o Akwẽ servir como uma referência para os Xakriabá no processo de retomada linguística (ver Introdução).

Após os quadros, apresentamos a transcrição da gravação na íntegra, separada nas seis partes descritas na Seção 1 (A gravação). O uso de colchetes na transcrição indica dúvidas quanto à exatidão do que foi falado, em especial quando precedido por um ponto de interrogação (?[...]). Em alguns casos, quando Zé Alves ri, incluímos a palavra [risos] entre colchetes.

Quadro 1 – Consoantes fonéticas e grafemas utilizados na transcrição do Xakriabá falado por Zé Alves

	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Obstruinte surda	[p] <p>	[t] <t>	[ʧ] <c>	[k] <k>	
Obstruinte sonora	[b] < b>	[d] <d>	[ʤ] <ğ>	[g] <g>	
Fricativa surda	[f] <f>	[s̪] <s>	[ʃ] <x>		
Fricativa sonora	[β] <v>	[z̪] <z>	[ʒ] <j>		
Nasal	[m] <m>	[n] <n>			
Soante	[w] <w>	[ɾ] <r> [l] <l>	[j] <i>, seguindo vogais	[ɯ̯] <ġ>	[h] <h>

Quadro 2 – Vogais fonéticas e grafemas utilizados na transcrição do Xakriabá falado por Zé Alves

	Anterior	Central	Posterior
Alta	[i] <i> [ĩ] <ĩ>	[ɨ] <û>	[u] <u> [ũ] <ũ>

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

Média	[e] <ê> [ẽ] <ẽ>	[ə] <â> [ə̃] <ã>	[o] <ô> [õ] <õ>
Baixa	[ɛ] <e>	[a] <a>	[ɔ] <o>

Observação: a vogal tônica de palavras não oxítonas é indicada com um acento agudo. Por exemplo: *jurű̃as* [ʒuˈɾű̃s] (tempo 01’22”)

1ª Seção: Folia de Reis

(00:00:00.000 - 00:06:20.000)

(00:00:02.900 - 00:00:10.850)
Zé Alves: Agora, nós iremos começar a política do portuguese com a língua Xakriabá

(00:00:11.000 - 00:00:22.360)
Zé Alves: Vai ser a duas língua: Antônio Fernandes Guimarães falando em português; rezando o reise. Eu falando em língua Xakriabá

(00:00:22.490 - 00:00:33.200)
Zé Alves: Rezando o reis também, mas só que vocês pode prestar atenção, porque o mesmo estrofe do reis que vai s... que é falado por Antônio, vai ser falado pra mim

(00:00:33.220 - 00:00:39.790)
Zé Alves: Então também, por esse tiro que é um desafio entre português e indígena

(00:00:41.730 - 00:00:50.940)
Toninho: Ô bom dia, meu senhoro, ô bom dia eu vou lhe dar. Santo Reis na sua casa, ele vem lhe visitar

(00:00:51.476 - 00:00:56.830)
Zé Alves: *newpõ aibõtikã eneôpô kdêatup*

(00:00:56.830 - 00:01:01.400)
Zé Alves: *nêw hê wkê, uhê bũrũ wke botai kẽrai*

(00:01:01.400 - 00:01:04.397)
Zé Alves: *êru wpêici iciupũ*

(00:01:04.840 - 00:01:13.360)
Toninho: Veio saber da sua saúde, sua dona como está? Sua dona como está? Suas criança também?

(00:01:13.470 - 00:01:21.600)
Zé Alves: *ukẽ, araikrĩ, ĩraidõ tõ aiki raikhi utũ bõtô arũ tũ*

(00:01:21.611 - 00:01:26.011)
Zé Alves: *uz jurű̃as tãbẽi tẽ êraikõ witã*

(00:01:26.978 - 00:01:31.133)
Toninho: É daquela coroa mais fina, que está em Jerusalém

(00:01:31.633 - 00:01:40.078)
Zé Alves: *ôkũ riê nãrãirã aribẽi bôtãhkũ wawku burũ herei ãdawkõw uspa̋gi*

(00:01:40.167 - 00:01:44.589)
Toninho: E o Deus foi nascido na lapinha de Belém

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:01:45.233 - 00:01:54.733)
Zé Alves: *ukũ pãrãidê tutã bôtô aiti ẽrei tupã bôtahakã araitũ anaitaru padaikãhã*

(00:01:54.722 - 00:01:58.078)
Toninho: Menino Deus foi nascido, para fazer a nós o bem

(00:01:58.067 - 00:02:04.778)
Zé Alves: *Enewkõ e tupã boto raibêi kõrai tupã botô aw bű̃ã nois tã*

(00:02:04.744 - 00:02:08.833)
Toninho: Para fazer a nós o bem, é o filho de Nossa Senhora

(00:02:08.800 - 00:02:16.511)
Zé Alves: *kõbõ taraisã eneistẽ raistu bũrũ reôkã, reôkã umnaitã*

(00:02:16.500 - 00:02:20.733)
Toninho: Também o dono da casa, Santos Reis lhe pede a esmola

(00:02:20.700 - 00:02:30.978)
Zé Alves: *kõrai ismola dôraibõ haw e uvãrãĩtã ĩhẽĩ ĩna iraitã arairãĩpa̋gi araikã araiti*

(00:02:30.922 - 00:02:34.811)
Toninho: Pa rezar uma ladainha, nos pede Nossa Senhora

(00:02:34.789 - 00:02:43.322)
Zé Alves: *arai héza, araikã, hewkã upa̋gi bõraitã rew pũrũ tũ, arai xorais tũ*

(00:02:43.322 - 00:02:48.000)
Toninho: Ô bendito seja louvado, louvado seja o Senhor!

(00:02:47.967 - 00:02:56.922)
Zé Alves: *oraw bẽ́di, anaitẽ uru ubu, oraixi oa aia tomorõikã araitõ moraici*

(00:02:56.811 - 00:03:00.711)
Toninho: E também o dono da casa, Santo Reis mandou chamar

(00:03:00.689 - 00:03:09.167)
Zé Alves: *oraibõ horaixi oraitã xũpẽkõ boroistũ awpű̃gu nuĩtã ubũrũ tehewkõ*

(00:03:09.156 - 00:03:13.411)
Toninho: Tá no dia seis de janeiro, você ir pra nós rezar

(00:03:13.356 - 00:03:20.244)
Zé Alves: *ukã haraitã hezaraitẽ raixéra bõw bôdôiti uci*

(00:03:20.200 - 00:03:24.522)
Toninho: Santo Reis tá lhe pedindo, pra no dia não faltar

(00:03:24.511 - 00:03:33.000)
Zé Alves: *põ õtõ aôtã ôcãrõtĩ o pũ araixi ẽreôpã õpẽrãikã urũbũ aikã*

(00:03:32.944 - 00:03:37.700)
Toninho: Louvemo o dono da casa, louvemo os três reis primeiro

(00:03:37.700 - 00:03:45.900)
Zé Alves: *awbrĩ abõikã õhêtã araistê reôstõ ôdõndêdaka araihti upũ kãnãikã*

(00:03:45.889 - 00:03:51.167)
Toninho: São José e Nossa Senhora, os pais de Cristo verdadeiro

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:03:51.203 - 00:04:03.532)
Zé Alves: *anaitã upã hãt heitikõhõ, eneiũbũ hataikãhã, awpũ nõm baraikã hewpõ ebewtõ gwaixi osterew peh tâkã*

(00:04:03.544 - 00:04:09.177)
Toninho: ?[A Dirceu], Santa Maria é uma ?[porcebidas] forte

(00:04:09.177 - 00:04:19.658)
Zé Alves: *ũkêibidãkã ãnhei tãrãikici hewbuta arêibídâ danaiki tĩgãwpũw kanãikã õrãikũ*

(00:04:19.646 - 00:04:24.823)
Toninho: É a nossa salvadeira, na hora de nossa morte

(00:04:24.835 - 00:04:34.392)
Zé Alves: *mõrãgbôatei bôatei kã teaicô aidmôrôistrô bũrũ tehe tupã bôtaikã araiti ralupôakã*

(00:04:34.367 - 00:04:38.266)
Toninho: cavalheiro é aquele que é rei ?[???]

(00:04:38.244 - 00:04:49.311)
Zé Alves: *õmãtõ khãtaraikã botahũbâ odaiô obũrũ ikẽ ikẽhe ohotũ anaicũ boraikã anaitkã haicẽ*

(00:04:48.178 - 00:04:52.467)
Toninho: ?[Parecendo] menino Deus, que a vem nos visitar

(00:04:52.144 - 00:05:00.711)
Zé Alves: *rã tupã bõtaiki, tupã minínu kắhâ bõrãiki, tupã bôtâ káhâ vizita kũ waraikũ kônaikã*

(00:05:00.833 - 00:05:05.122)
Toninho: Santo Reis já vai-se embora e leva Nossa Senhora

(00:05:05.067 - 00:05:13.444)
Zé Alves: *ômãgbâ rõrõitôhê bôtã to tutã bũrũ kẽhẽ bôtai itíhâ kõtâ ubu pôikã*

(00:05:13.389 - 00:05:17.400)
Toninho: Você fica com Jesus Cristo e nós leva Nossa Senhora

(00:05:17.378 - 00:05:26.867)
Zé Alves: *mãdân cetu puhânãikã urus bũrũ steheġitaw unãkũ mãtã ponaihcĩ enewitaw* [*pô*...???]

(00:05:25.378 - 00:05:30.000)
Toninho: Acompanha esta folia dentro do reino da glória

(00:05:30.100 - 00:05:35.256)
Zé Alves: *ãmã nôvlili bõnãikã bôrai dẽtu hanagwa atũ*

(00:05:36.389 - 00:05:39.844)
Toninho: Dentro do reino da glória e junto com meu ?[Senhor]

(00:05:39.844 - 00:05:46.944)
Zé Alves: *umã icinãmã bôdai pũhũ urêi bũrũ kehe bôta kõraixã araixũ*

(00:05:46.944 - 00:05:52.200)
Toninho: Junto ?[com nós] e ?[meu], mas é se Deus quiser. Amém!

(00:05:52.133 - 00:05:58.056)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

Zé Alves: *ãnãicũ tũnãtô kĩã tupã tirêi iêie pikai*

(00:05:58.989 - 00:06:02.522)
Toninho: Santo Reis já vai-se embora, volta pra o ano que vem

(00:06:02.500 - 00:06:07.122)
Zé Alves: *mêwbã etãbőa etẽi ikpũrũ iktô ãcikpĩi*

(00:06:07.133 - 00:06:11.833)
Toninho: Mas quem canta aqui na Terra, os anjos no céu ?[quem viva] amém

(00:06:11.733 - 00:06:17.567)
Zé Alves: *nõtãrãi bõraixi tupã apa otea mẽ abũrũ kẽ*

2ª Seção: Samba
(00:06:20.000 - 00:13:20.000)

(00:06:22.200 - 00:06:24.744)
Toninho: Vou-me embora, vou-me embora

(00:06:24.911 - 00:06:28.289)
Zé Alves: *õnahora, õnawkã tãrawpã*

(00:06:28.389 - 00:06:30.700)
Toninho: que eu não vou-me embora não

(00:06:30.744 - 00:06:33.656)
Zé Alves: *mêwnã pãrãikã hãwhãnã*

(00:06:34.244 - 00:06:37.856)
Toninho: se eu tivesse de ir embora, eu não tava aqui mais não

(00:06:37.822 - 00:06:41.511)
Zé Alves: *kãrãi bórâ anãwhắnã mũkaĩ, nãw*

(00:06:41.744 - 00:06:44.189)
Toninho: vou-me embora, vou-me embora

(00:06:44.189 - 00:06:47.978)
Zé Alves: *ãnãw hõn, ãnãw hõn, nãw kãig*

(00:06:48.911 - 00:06:51.711)
Toninho: Eu bem que falei pra meu pai

(00:06:51.767 - 00:06:55.556)
Zé Alves: *nãwpã nõdõpãi hãnãô mãmãg ẽtẽ*

(00:06:55.789 - 00:06:58.322)
Toninho: que eu não queria casar

(00:06:58.333 - 00:07:02.511)
Zé Alves: *kẽ ôtô êkatắgu panãikô latãgôtã*

(00:07:02.922 - 00:07:06.011)
Toninho: a mulher tá morrendo de fome

(00:07:05.989 - 00:07:10.419)
Zé Alves: *anẽ aõgri taraikõ da mõrẽ́na kõm*

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:07:10.613 - 00:07:14.613)
Toninho: e o menino de tanto chorar

(00:07:14.731 - 00:07:19.785)
Zé Alves: *pikõ ãtô pĩrĩgĩ tõrãitô atũ*

(00:07:20.860 - 00:07:22.968)
Toninho: você bem que sabia disso

(00:07:23.602 - 00:07:26.419)
Zé Alves: *ênõkê ôci kõrêpũ̃gu*

(00:07:26.742 - 00:07:28.548)
Toninho: e por quê que foi namorar?

(00:07:28.548 - 00:07:30.710)
Zé Alves: *awpã bôraikĩ hawpã?*

(00:07:32.097 - 00:07:35.129)
Toninho: aqui mesmo eu bebo, aqui mesmo eu caio

(00:07:35.194 - 00:07:40.344)
Zé Alves: *nũkr̃ĩ nêepô badaraikõ madamõ taraitõ hanewkã*

(00:07:40.591 - 00:07:43.613)
Toninho: levanto, e sai e num dou trabalho

(00:07:43.581 - 00:07:46.505)
Zé Alves: *mõtõg amãgutã rãntãi*

(00:07:49.441 - 00:07:52.215)
Toninho: vol... lalaê, lalaê

(00:07:52.183 - 00:07:54.333)
Zé Alves: ?[*lûlkûl kûlâdkã*]

(00:07:54.591 - 00:07:57.398)
Toninho: lalaê, oê oá

(00:07:57.323 - 00:07:59.936)
Zé Alves: ?[*lâlâdkũ lâôtã lâôtã*]

(00:07:59.849 - 00:08:01.688)
Toninho: ô de lá laê

(00:08:01.699 - 00:08:04.473)
Zé Alves: *kõ, buniwkã mulairã*

(00:08:04.570 - 00:08:06.129)
Toninho: ô eô eô á

(00:08:05.979 - 00:08:10.602)
Zé Alves: *kõê êiki kõ, kõrê ukã, kõ ka*

(00:08:10.699 - 00:08:12.828)
Toninho: pela prima da viola

(00:08:13.022 - 00:08:16.849)
Zé Alves: *mãtĩ kã tũ aprũ kai prũ kãi*

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:08:17.097 - 00:08:18.946)
Toninho: viola ?[e eu quero véi / eu quero bem]

(00:08:18.860 - 00:08:21.151)
Zé Alves: *kãraitũ kãraibã*

(00:08:22.677 - 00:08:25.914)
Toninho: bem que eu falei pra meu pai, que eu não queria casar

(00:08:25.957 - 00:08:31.333)
Zé Alves: *gẽ kô bõnahew õtô rô mãmắgi ẽkẽ naw kerekã ôkara akã*

(00:08:31.398 - 00:08:35.398)
Toninho: a mulher tá morrendo de fome e o menino de tanto chorar

(00:08:35.430 - 00:08:40.215)
Zé Alves: *kẽrêôpã bônãikĩ ẽnaixô nakãw bônãihã*

(00:08:40.645 - 00:08:42.989)
Toninho: viola, eu quero bem

(00:08:43.204 - 00:08:47.376)
Zé Alves: *bĩkĩ nõkãrãtkuw ôwbẽtkãw*

(00:08:47.538 - 00:08:49.516)
Toninho: bem que eu falei pra meu pai

(00:08:49.527 - 00:08:53.140)
Zé Alves: *bẽ́tu ãte ôtmã are mãmắgi*

(00:08:53.258 - 00:08:55.215)
Toninho: que eu não queria casar

(00:08:55.215 - 00:08:59.581)
Zé Alves: *erewkã akaraitkã hakê ara utã*

(00:09:00.194 - 00:09:03.742)
Toninho: a mulher tá morrendo de fome e o menino de tanto chorar

(00:09:03.645 - 00:09:09.086)
Zé Alves: *ãmbrabrê ta têiai têraifu canãpũ cũnãitũ*

(00:09:09.333 - 00:09:11.613)
Toninho: eu deixei de plantar a roça

(00:09:11.591 - 00:09:14.118)
Zé Alves: *nãw plãta kãw*

(00:09:14.194 - 00:09:15.914)
Toninho: por que a roça não dá?

(00:09:15.774 - 00:09:18.785)
Zé Alves: *ke hutã, tãtã mã buhakã*

(00:09:19.140 - 00:09:21.172)
Toninho: a mulher tá morrendo de fome

(00:09:21.194 - 00:09:25.140)
Zé Alves: *ỗiu, mãmãgrê atã mẽkairaibũ*

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:09:25.269 - 00:09:26.774)
Toninho: e o menino de tanto chorar

(00:09:26.473 - 00:09:29.387)
Zé Alves: *iwliutri tarai sarãtũ*

(00:09:32.140 - 00:09:35.118)
Toninho: eu bem que falei pra meu pai, que eu não queria casar

(00:09:33.817 - 00:09:39.204)
Zé Alves: *kêr*.. ?[*mnã gmnũ gnãm*] *tãrãw mã mãmã tãraikã*

(00:09:39.301 - 00:09:42.624)
Toninho: você bem que sabia disso e por quê que foi namorar?

(00:09:42.667 - 00:09:47.301)
Zé Alves: ?[*ôhtôhmĩi nãtkãre mã ket*] *pukê kêrêk pã?*

(00:09:48.269 - 00:09:50.258)
Toninho: vou-me embora, vou-me embora

(00:09:50.022 - 00:09:53.360)
Zé Alves: *hãrũm tmǻrã hõrãipã anawkã*

(00:09:53.280 - 00:09:54.914)
Toninho: eu num vou-me embora não

(00:09:54.925 - 00:09:58.129)
Zé Alves: *tõmõkô arawkõ arawkõ*

(00:09:59.473 - 00:10:01.634)
Toninho: ?[mei] que cansa meu cavalo

(00:10:01.753 - 00:10:05.785)
Zé Alves: *mũkũ tahaikã kãhaikã aipũ*

(00:10:05.710 - 00:10:07.720)
Toninho: eu que levo Joaninha

(00:10:07.774 - 00:10:11.688)
Zé Alves: *mã ti kô haikiaim bãraihũ*

(00:10:11.925 - 00:10:13.763)
Toninho: e se eu tivesse de ir-me embora

(00:10:14.043 - 00:10:16.387)
Zé Alves: *ũ tũrũ tǘrũ bo*

(00:10:16.753 - 00:10:18.559)
Toninho: eu num tava aqui mais não

(00:10:18.376 - 00:10:21.656)
Zé Alves: *môaitũ nêmôaitũ baijiri itũ*

(00:10:21.656 - 00:10:25.409)
Toninho: Nem que eu canse meu cavalo, mas eu que quero Joaninha

(00:10:25.387 - 00:10:30.667)
Zé Alves: *nêwpã nêwhugaw kenewkã aihana ipanew kiawpã*

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:10:31.183 - 00:10:33.419)
Toninho: pois o homem sem mulher

(00:10:33.914 - 00:10:36.634)
Zé Alves: *tãnãw wrã tẽi abri*

(00:10:36.645 - 00:10:38.387)
Toninho: não pode criar galinha

(00:10:38.613 - 00:10:42.151)
Zé Alves: *mãnãw ta tereikrĩ nawǧĩ*

(00:10:42.161 - 00:10:44.667)
Toninho: devia estar na ?[lavra], na roça

(00:10:45.000 - 00:10:48.000)
Zé Alves: *mãnãw tana manaw uhã*

(00:10:48.441 - 00:10:49.871)
Toninho: de noite está na cozinha

(00:10:49.699 - 00:10:52.011)
Zé Alves: *anaw kwã, new grĩ*

(00:10:52.785 - 00:10:54.645)
Toninho: nem que fosse a meu cavalo

(00:10:55.000 - 00:10:57.936)
Zé Alves: *mêw grã, anew grã a... oreokrĩ*

(00:10:57.065 - 00:10:59.677)
Toninho: mas eu que levo Joaninha

(00:10:59.742 - 00:11:02.882)
Zé Alves: *mai kĩrẽwpã hêãm bôraistũ*

(00:11:03.043 - 00:11:05.602)
Toninho: no meio de tanta moça bonita

(00:11:05.591 - 00:11:10.011)
Zé Alves: *kneôtã atakôx...* [risos] *anaicê*

(00:11:10.075 - 00:11:12.011)
Toninho: eu nem sei qual é a minha

(00:11:11.979 - 00:11:14.688)
Zé Alves: *nametãw wa acĩ kanãw*

(00:11:15.075 - 00:11:16.914)
Toninho: nem que eu canse meu cavalo

(00:11:16.860 - 00:11:20.129)
Zé Alves: *mêw kuhukã, nêwpa*

(00:11:20.183 - 00:11:21.774)
Toninho: eu quero Joaninha

(00:11:21.806 - 00:11:23.957)
Zé Alves: *mêw kêla, awhã*

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:11:25.602 - 00:11:27.581)
Toninho: pra mim ser dono da casa

(00:11:27.624 - 00:11:31.194)
Zé Alves: *amũtã thã bo no... to*

(00:11:31.398 - 00:11:33.312)
Toninho: muito bem agradecido

(00:11:33.290 - 00:11:34.839)
Zé Alves: *enew grĩ*

(00:11:35.957 - 00:11:37.850)
Toninho: nem que cansa meu cravalo

(00:11:37.839 - 00:11:38.376)
Zé Alves: *mê...*

(00:11:37.850 - 00:11:40.398)
Toninho: meu cavalo, mas eu que levo Joaninha

(00:11:40.172 - 00:11:48.247)
Zé Alves: *nũkitã tenewki mew kah... mewpã naiaôtã araôtũ anĩ ta, ũhã*

(00:11:48.290 - 00:11:52.043)
Toninho: aquela cachaça que nós bebeu, na garrafinha de vidro

(00:11:51.882 - 00:12:00.806)
Zé Alves: *talaitã canã tô manaikã mavãnci vedaitã haw paeci vid tô abiloci*

(00:12:00.839 - 00:12:03.882)
Toninho: nem que eu canse meu cavalo, mas eu que levo Joaninha

(00:12:02.194 - 00:12:02.979)
Zé Alves: *mẽwkâ...*

(00:12:03.796 - 00:12:08.000)
Zé Alves: *nũkitã nutônêw kahwálu nukêw halahkwãn zũ*

(00:12:08.860 - 00:12:12.398)
Toninho: pela prima da viola, viola eu quero bem

(00:12:12.710 - 00:12:18.979)
Zé Alves: *tiloti toivã tiloipã naici, têdêwbã mêwbẽi kẽi*

(00:12:19.043 - 00:12:22.140)
Toninho: nem que cansa meu cavalo, mas eu que levo Joaninha

(00:12:22.129 - 00:12:31.011)
Zé Alves: *nẽikikã êakã umêw kahalw, nãikũ kmẽ nêwpõ tadaicĩ, mêwtũ mãnaikã awfã*

(00:12:31.086 - 00:12:34.409)
Toninho: e se eu bebo da cachaça, minha viola bebe também

(00:12:34.409 - 00:12:40.699)
Zé Alves: *tacanawtu abebi natôa, bilôzô, maz ela tamẽi bébâ tamẽi kaw*

(00:12:40.742 - 00:12:44.269)
Toninho: nem que cansa meu cavalo, mas eu que levo Joaninha

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:12:44.237 - 00:12:49.957)
Zé Alves: *nukikã kanaikê, maikê tênêavã vêtũ, manaiuhã utê, vũ*

(00:12:51.548 - 00:12:54.484)
Toninho: pois o homem sem mulher não pode criar galinha

(00:12:54.527 - 00:12:59.720)
Zé Alves: *tãbẽã karaikrĩ nãtênã uscinãi madri mãpadaikĩ*

(00:13:00.140 - 00:13:03.903)
Toninho: de dia ele está na roça, de noite está na cozinha

(00:13:00.312 - 00:13:08.882)
Zé Alves: *awx... nutri tãrawpã bai ki, mãmadarai rêgrĩ*

(00:13:09.742 - 00:13:12.624)
Toninho: nem que cansa meu cavalo, mas eu que levo Joaninha

(00:13:12.398 - 00:13:18.333)
Zé Alves: *nũtãbã* [riso] *anaôpĩ neôbã naixĩ anaôpã*

3ª Seção: Menino da Porteira
(00:13:20.000 - 00:17:45.000)

(00:13:21.495 - 00:13:28.807)
Toninho: Agora, gente, é... veja só essa música, "Menino da Porteira", como é traduzida

(00:13:29.194 - 00:13:33.527)
Toninho: é... língua indígena Xakriabá. eu, Antônio, vou...

(00:13:35.807 - 00:13:37.484)
Toninho: ...dizer os versos dela...

(00:13:38.204 - 00:13:44.204)
Toninho: ...em português e José Alves vai... compor... no idioma Xakriabá

(00:13:45.118 - 00:13:47.548)
Toninho: Toda vez que eu viajava

(00:13:48.312 - 00:13:51.430)
Zé Alves: *naôpã adéô teregĩ*

(00:13:51.667 - 00:13:53.516)
Toninho: pela estrada de Ouro Fino

(00:13:53.484 - 00:13:55.419)
Zé Alves: *maôpã adeôpĩ*

(00:13:55.699 - 00:13:57.839)
Toninho: de longe eu avistava

(00:13:58.247 - 00:14:00.871)
Zé Alves: *maôpã neôpi ata*

(00:14:01.763 - 00:14:04.355)
Toninho: a figura de um menino

(00:14:04.333 - 00:14:07.495)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

Zé Alves: *aôpi kereômi enewgrĩ*

(00:14:08.161 - 00:14:11.140)
Toninho: que corria e abria a porteira

(00:14:11.785 - 00:14:14.807)
Zé Alves: *kitâ eneôkría eneôpãg*

(00:14:15.441 - 00:14:17.667)
Toninho: e depois vinha me pedindo

(00:14:17.731 - 00:14:23.344)
Zé Alves: *ndeôpũ geneôpĩ, enewpĩ nũtki newkũ*

(00:14:23.538 - 00:14:25.559)
Toninho: toque o berrante, seu moço

(00:14:26.376 - 00:14:31.376)
Zé Alves: *tókâ kanaitkõ banaikã araôpũ araboi kia*

(00:14:31.398 - 00:14:33.484)
Toninho que é pra eu ficar ouvindo

(00:14:33.462 - 00:14:38.452)
Zé Alves: *keôki newfĩ enewhã, eneôbi hedeôici tunũ*

(00:14:40.011 - 00:14:42.118)
Toninho: no caminho desta vida

(00:14:42.194 - 00:14:47.613)
Zé Alves: *nôpãm, amemetã mewfi kêrêibo anewfĩ*

(00:14:47.559 - 00:14:49.807)
Toninho: muito espinho eu encontrei

(00:14:49.667 - 00:14:53.355)
Zé Alves: *nõtõ newpĩ kere ikêi*

(00:14:53.645 - 00:14:58.398)
Toninho: ?[eu vi de] um caso mais triste e tu disse o que eu passei

(00:14:58.269 - 00:15:04.785)
Zé Alves: *upĩ upĩ nuka makíku, us kubik badai mêwprik êcêk*

(00:15:05.215 - 00:15:07.473)
Toninho: na minha viagem de volta

(00:15:07.710 - 00:15:11.290)
Zé Alves: *ẽ bĩağa anawfã pắgi*

(00:15:11.312 - 00:15:13.323)
Toninho: qualquer coisa, eu cismei

(00:15:13.312 - 00:15:17.946)
Zé Alves: *korok kerewbõg, arawpắgi ew ktaraibêi*

(00:15:17.925 - 00:15:21.796)
Toninho: vendo a porteira fechada e o menino eu não avistei

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:15:20.355 - 00:15:20.624)
Zé Alves: *nu...*

(00:15:21.581 - 00:15:28.376)
Zé Alves: *kerewfúmã kãnkére utê, ereôtũ garaôikríê ĝiôdãgrĩ̂â awtei nêikêi*

(00:15:28.979 - 00:15:30.968)
Toninho: apeei do meu cavalo

(00:15:31.495 - 00:15:36.785)
Zé Alves: *apiã tõ̂gu anaôpã̂gi, te ôwka ewkã̂gi*

(00:15:36.796 - 00:15:38.376)
Toninho: num ranchinho beira-chão

(00:15:38.656 - 00:15:43.344)
Zé Alves: *nôkã, manaôxĩ, menewpã waotã*

(00:15:43.538 - 00:15:47.559)
Toninho: vi uma mulher chorando, quis saber qual a razão

(00:15:47.591 - 00:15:52.957)
Zé Alves: *deôti dãgri awxõ anaôxũ, anekri bôêxê daôxã*

(00:15:53.151 - 00:15:57.979)
Toninho: boiadeiro, veja o... gado veja a cruz no estradão

(00:15:57.882 - 00:16:05.366)
Zé Alves: *bãrãtket, mewônã anaôpã rãkru anaiti mewtṍru, merôtãw gaixã*

(00:16:05.570 - 00:16:10.387)
Toninho: quem matou o meu filhinho, foi um boi sem coração

(00:16:10.398 - 00:16:19.161)
Zé Alves: *kẽimat... anõgri matô mahkurĩ, mêwgri kiagri kêrabaitũ bôbônaitôw tô araixũw*

(00:16:19.473 - 00:16:21.677)
Toninho: lá pra banda de Ouro Fino

(00:16:21.989 - 00:16:26.097)
Zé Alves: *mmmmm... naôprã heneôpã̂gi hãnhewkã*

(00:16:26.376 - 00:16:28.129)
Toninho: levando gado selvagem

(00:16:28.140 - 00:16:31.817)
Zé Alves: *mewpũ kawgã tew, ewpãgêi*

(00:16:31.989 - 00:16:33.753)
Toninho: quando eu passo na porteira

(00:16:34.065 - 00:16:37.581)
Zé Alves: *kõ, gẽwtõ tṍrĩ, nẽwtõw*

(00:16:37.602 - 00:16:39.989)
Toninho: até vejo a sua imagem

(00:16:39.946 - 00:16:42.817)
Zé Alves: *atõ, ewtõ gai kmã*

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:16:42.882 - 00:16:44.796)
Toninho: o seu rangido tão triste

(00:16:44.936 - 00:16:48.226)
Zé Alves: *mũtô wgri, araôitri tawpẳgi*

(00:16:47.989 - 00:16:49.957)
Toninho: mais parece uma mensagem

(00:16:49.914 - 00:16:52.247)
Zé Alves: *mai sĩra páira kẽikõ*

(00:16:52.742 - 00:16:54.376)
Toninho: daquele rosto trigueiro

(00:16:54.473 - 00:16:56.645)
Zé Alves: *nũtew pãg araitã*

(00:16:56.667 - 00:16:58.215)
Toninho: desejando uma boa viagem

(00:16:58.065 - 00:17:00.022)
Zé Alves: *ẽdeôpã haraicê*

(00:17:00.108 - 00:17:02.624)
Toninho: da cruzinha do estradão

(00:17:02.581 - 00:17:06.634)
Zé Alves: *mewti reopu distiniki doistêrawpã*

(00:17:06.645 - 00:17:08.419)
Toninho: do meu pensamento não sai

(00:17:08.473 - 00:17:11.226)
Zé Alves: *neopẳgi awstẽraitã*

(00:17:11.280 - 00:17:13.032)
Toninho: nem que meu gado estoure

(00:17:13.000 - 00:17:15.839)
Zé Alves: *ndẽ tãnaikã ğe aitõ*

(00:17:16.763 - 00:17:18.968)
Toninho: que eu preciso ir atrás

(00:17:18.946 - 00:17:21.269)
Zé Alves: *kêôpĩ, rêôpĩ wâdtõh*

(00:17:22.280 - 00:17:24.151)
Toninho: nesse pedaço de chão

(00:17:24.925 - 00:17:28.344)
Zé Alves: *têdêwpã, tênawxo areopẳgi*

(00:17:28.581 - 00:17:30.656)
Toninho: berrante eu não toco mais

(00:17:30.473 - 00:17:36.140)
Zé Alves: *onewpẳgi, ãdeôhka ha waixãw, anẽõtõ gnãita natõgbãi*

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:17:38.172 - 00:17:44.516)
Zé Alves: *edewpã naixcĩ, oreopũ areofĩ niawkê, hewpũ ai pũ aipã*

4ª Seção: considerações do Antônio sobre as gravações
(00:17:45.000 - 00:19:43.000)

(00:17:47.000 - 00:17:50.979)
Toninho: Bom, gente, aí foi, é... as gravações que a gente fez

(00:17:51.688 - 00:18:00.828)
Toninho: eu cantando na... na língua portuguesa e depois, a gente...

(00:18:02.731 - 00:18:08.559)
Toninho: ditou os versos, né? assim, falou os versos, também em língua portuguesa

(00:18:08.764 - 00:18:15.882)
Toninho: e... José Alves, ele traduziu, né, na língua Xakriabá

(00:18:16.559 - 00:18:18.721)
Toninho: e a gente, é...

(00:18:19.645 - 00:18:28.441)
Toninho: fez aqui essa comparação, né, dessas... fez do Reis, né? Fez desse samba e dessa música

(00:18:29.075 - 00:18:34.301)
Toninho: e aí a gente acha que a gente já fez assim... um bom vocabulário, né?

(00:18:34.398 - 00:18:44.194)
Toninho: pra... pra que possa a gente mesmo possa estudar isso, igual a eu mesmo, né? Porque eu só sei falar na língua portuguesa

(00:18:44.602 - 00:18:53.290)
Toninho: e que... eu e os outros que num sabe falar na língua Xakriabá possa tá pegando essas palavras, né?

(00:18:53.290 - 00:19:00.688)
Toninho: e pra tá estudando. então eu acredito que vai ser aí um vocabulário, já... assim... bastante rico

(00:19:01.000 - 00:19:05.452)
Toninho: e que vai trazer bastante aproveito pra nós

(00:19:05.785 - 00:19:10.721)
Toninho: e que a gente decidiu aqui que a gente, é... vai sempre começar aos poucos

(00:19:10.764 - 00:19:15.968)
Toninho: e que a gente num... num vai gravar muita música agora não

(00:19:16.925 - 00:19:21.979)
Toninho: e que, depois, a gente possa, é... gravar umas outras mensagens

(00:19:22.581 - 00:19:26.032)
Toninho: e que, juntamente com José Alves, que possa traduzir

(00:19:26.140 - 00:19:30.140)
Toninho: mas até agora, o que a gente pôde fazer foi isso

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:19:30.172 - 00:19:38.484)
Toninho: e a gente acha que já uma boa parte, dá um bom vocabulário pra... o enriquecimento de nossa cultura

(00:19:40.323 - 00:19:42.215)
Toninho: essas foi as minhas palavras

5ª Seção: Fala bilíngue de Zé Alves sobre as atividades na Universidade
(00:19:43.000 - 00:25:41.000)

(00:19:43.656 - 00:19:48.258)
Zé Alves: *lew, hũrũ a padaikã a dêws tupã badai*

(00:19:48.301 - 00:19:52.613)
Zé Alves: primeiro, eu gostaria de agradecer a essa bo... a Deus divina

(00:19:52.613 - 00:19:58.473)
Zé Alves: a essa oportunidade da gente estar ?[ano] sentado aqui nessa... curva do mirante

(00:19:58.559 - 00:20:00.247)
Zé Alves: para fazer essa gravação

(00:20:00.258 - 00:20:07.678)
Zé Alves: e dar esclarecimento também para nosso povo, para nossos companheiros, para nossos irmãos de trabalhos

(00:20:07.678 - 00:20:11.764)
Zé Alves: por todos na carreira, então continua a falar a mesma coisa

(00:20:13.323 - 00:20:15.419)
Zé Alves: *etêwkã hew*

(00:20:15.591 - 00:20:19.968)
Zé Alves: *anaôp... bũrũ kõ ere ôstupã bôrôkã*

(00:20:20.011 - 00:20:22.936)
Zé Alves: *ôstupã bôta anaôpũ veikã*

(00:20:23.032 - 00:20:28.387)
Zé Alves: *hew. ni aici, neôpã naikã astẽraikiõ*

(00:20:28.419 - 00:20:34.323)
Zé Alves: *awpã, botaikaíku, hew anae... mãnowto mokiw padaikã*

(00:20:34.344 - 00:20:39.355)
Zé Alves: *nois tômaki utõ anawpã, tadaiĝi hanãki disciĝíki*

(00:20:39.462 - 00:20:46.172)
Zé Alves: *bã, uzbũrũ kahew ki botakã mãnai saraistõ, anaupắgi, he*

(00:20:46.194 - 00:20:51.645)
Zé Alves: *adaiscérâ aivã, bõtõ ukã he, anaibõ kanaikã*

(00:20:51.742 - 00:20:56.602)
Zé Alves: *tew, botai kanaitã hew botaikã, i awfi vãparaikã*

(00:20:56.624 - 00:21:00.011)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

Zé Alves: *nois kêrémo tõ, araikĩ hew bôdaikã*

(00:21:00.054 - 00:21:04.538)
Zé Alves: *borai... taraici, padaikãm, nos nõpãm panaikãm*

(00:21:04.538 - 00:21:09.968)
Zé Alves: *ot kẽne krãw e... ũhũm panaikã hadaici bonaikã*

(00:21:10.086 - 00:21:16.516)
Zé Alves: *hewbõ. botai kãba, botai kanaipũ bota anaopã ãhew*

(00:21:16.516 - 00:21:21.054)
Zé Alves: *êwstô raikã bai padaikã, bonaikã fã, anaôpu*

(00:21:21.065 - 00:21:24.742)
Zé Alves: *êaô tãmbẽi êw gôraitẽi agradisê*

(00:21:24.764 - 00:21:29.828)
Zé Alves: *padai... tinaikũ, padaikô, anaistídâ apáêâ*

(00:21:29.828 - 00:21:37.312)
Zé Alves: *nũ panaikõ, nõ kũigína anaôpắgâ apã, ênêkiw bonaikã*

(00:21:37.312 - 00:21:45.968)
Zé Alves: *neôpũ, buruikã haw, neôtak, padaixi anau ane istidou, aribũ karáiâ*

(00:21:45.979 - 00:21:52.634)
Zé Alves: *erewkâw kere uki, e u fősâ doiğina padaikã anaôpã hew*

(00:21:52.753 - 00:22:00.638)
Zé Alves: *padaikã tinaôpã hara ibi rêika, kubâw kãhã hehe êwkaraixi*

(00:22:00.638 - 00:22:05.681)
Zé Alves: *iew stô agradêsê dâi pã hadêipu haista daispãw*

(00:22:05.681 - 00:22:12.936)
Zé Alves: *hew kêw kéru anaôpã abôdaixi hawpã naikhã, badaikĩ newkã*

(00:22:13.330 - 00:22:20.702)
Zé Alves: *panai... kã, bodaikã boraikã, bodai... ôw pônêikĩ*

(00:22:20.755 - 00:22:26.128)
Zé Alves: *iâwdbwû, apu budaici, buribõ*

(00:22:26.330 - 00:22:32.521)
Zé Alves: [risos] *bodaikã, nêôtũ eréâ, adawfĩ, eneôfĩ nawki*

(00:22:32.798 - 00:22:41.628)
Zé Alves: *borai, neôpũ gwad ai, hanaw. hareôici ada, padais... newfũ hadaifũ*

(00:22:42.723 - 00:22:46.830)
Zé Alves: *hanews nô apã bodaikã hanehe kã*

(00:22:46.904 - 00:22:55.755)
Zé Alves: *ôna pa naê anaê hêhê ô... ô nêwci anatẽ hakê, munũtke*

(00:22:55.915 - 00:23:03.958)
Zé Alves: *bôta... tu... tũpã aitkã, theôpã, neôpã boraikã hew kanaici*

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:23:03.979 - 00:23:08.830)
Zé Alves: *ai êwbô adaixi hew voitêo nawpũ xi*

(00:23:08.883 - 00:23:15.021)
Zé Alves: *êw tô napohcidigi buxcilitĩgâ bai puxcĩgâ anepũ*

(00:23:15.075 - 00:23:23.383)
Zé Alves: *uskãgi, barêitãgi, uzmaiôtãgi, uzmoroto, udêôkô, usteôgri hewbô taraikãm*

(00:23:24.053 - 00:23:29.309)
Zé Alves: *uzhadaici, hana mãmãgi, mãmãg natatarê tãbẽi*

(00:23:29.309 - 00:23:33.830)
Zé Alves: *eoci, u istragro, aioto danama tãbẽi pã*

(00:23:33.830 - 00:23:39.713)
Zé Alves: *waiato dôramara, hadaici awfũ, wai oitômõrĩ estaraiklĩ*

(00:23:39.734 - 00:23:44.341)
Zé Alves: *u istragro tãmẽi ke, u ãgrâ, ĩgrâ, tu nuita*

(00:23:44.341 - 00:23:49.702)
Zé Alves: *wazai miocew kê, bota naixtora neiki hew bũ*

(00:23:49.713 - 00:23:56.436)
Zé Alves: *ei kẽisab aõ, anaw fẽxâ hawhai ĩôistô naikê nẽsarai tpẽ karai kõrâ*

(00:23:56.468 - 00:24:02.129)
Zé Alves: *padaikã nahtu, eseiğive turawsãw* Bom...

(00:24:02.376 - 00:24:07.785)
Zé Alves: para finalizar, eu gosto de falar mais é na língua Xakriabá

(00:24:07.785 - 00:24:13.075)
Zé Alves: essa gravação, que tá pedindo pra gente falar na língua, a gente tava falando, a demonstração

(00:24:13.075 - 00:24:18.290)
Zé Alves: mas eu vou finalizar mesmo, em português, o que eu estava dizendo aqui a vocês

(00:24:18.290 - 00:24:25.860)
Zé Alves: que a beleza tão b... tão ótimo! da gente estar aqui, vendo essa natureza, vendo esse ser

(00:24:25.946 - 00:24:31.140)
Zé Alves: um ar puro! esse ar que é o que dá mais vida, dá mais saúde

(00:24:31.215 - 00:24:35.989)
Zé Alves: como se diz; que nós falamos aqui durante essa semana

(00:24:36.086 - 00:24:44.688)
Zé Alves: porque eu tô... já tô falando a semana, durante a semana de trabalho que a gente teve, que é uma avaliação grande e é um trabalho grande

(00:24:44.721 - 00:24:48.753)
Zé Alves: nasceu uma árvore e essa árvore foi demonstrada que:

(00:24:49.301 - 00:24:54.441)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

Zé Alves: s... nela seria a diferen... a diferença das escolas e das pessoas

(00:24:54.882 - 00:25:01.118)
Zé Alves: por quê? povo brasi... povo não índio, povos indígenas, terra e todos os seres

(00:25:01.731 - 00:25:07.721)
Zé Alves: isso, eu nã... e tem mais coisa, mais coisa. que a gente explica mais também

(00:25:07.882 - 00:25:13.000)
Zé Alves: como o pess... os professores também está aqui

(00:25:13.118 - 00:25:16.882)
Zé Alves: pensando nos pais, nas mães,

(00:25:16.882 - 00:25:19.204)
Zé Alves: nos irmãos, nos primos,

(00:25:19.344 - 00:25:23.075)
Zé Alves: nos padrinho, no toda a família, a parentela toda

(00:25:23.075 - 00:25:29.764)
Zé Alves: porque nós também já tá... já estamos sentindo saudades del... desses companheiros desde hoje

(00:25:29.839 - 00:25:36.559)
Zé Alves: porque amanh... nós iremos também para... nossa aldeia e deixaremos ele aqui

(00:25:36.688 - 00:25:41.000)
Zé Alves: vamos deixar! então, t... tchau!

6ª Seção: Última reflexão bilíngue de Zé Alves

(00:25:41.000 - 00:29:14.000)

(00:25:44.790 - 00:25:50.011)
Zé Alves: *ôxi! êwsõn oz bakôtõ̂gô bikõ̂gô tãbẽi kêi*

(00:25:50.011 - 00:25:54.105)
Zé Alves: *axarãwpõ, oz bakôtõ̂gu tõ̂gu, panaikã*

(00:25:54.116 - 00:26:02.316)
Zé Alves: *hewbi, tadawkũ tõ, hanewhõ̂gu, ewhcígu dokumê rewpõ*

(00:26:02.326 - 00:26:07.926)
Zé Alves: *ewfãdêgi, arawkã, ereôvi nêwtê istrago eabâm*

(00:26:07.926 - 00:26:14.253)
Zé Alves: *iêwprã̂gu, iêwkrák, êwkre, êwkri kriôkũ, arêôkã*

(00:26:14.253 - 00:26:19.611)
Zé Alves: *iri raici bo, araih... erewk... ukũ hei*

(00:26:19.611 - 00:26:23.958)
Zé Alves: *ô botaikã̂gu, ô botaikã̂ga adaikã, bota itõ*

(00:26:23.958 - 00:26:29.747)
Zé Alves: *êwporaikêi dêwvê, atravêgewfõ newvõ idaixi*

(00:26:29.853 - 00:26:35.947)

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

Zé Alves: *odêwhê têbê rêixcĩgu, araistõg reôtõ, gadawvê dôisoi kêiboto*

(00:26:35.990 - 00:26:39.916)
Zé Alves: *adê karawfãg, bota adaiki*

(00:26:40.032 - 00:26:45.147)
Zé Alves: *edews kabrit* ?[*sewtida*], *dêw, ewpắgu, ewpắgu anaikã*

(00:26:45.253 - 00:26:51.884)
Zé Alves: *areô... fôigaixi, areôpắgu raix...* [risos]*... araôhãg, araôpa anest, hewkã*

(00:26:52.116 - 00:26:58.358)
Zé Alves: *mewfũ adai, mewkũpãiêrêi tãbẽi nũgóstâ daikĩ, ôtắgu, ôpắgu*

(00:26:58.505 - 00:27:05.979)
Zé Alves: *edaipã hêi, ekã? e! ereikĩ! epĩ! erewpã ĩ́pâ!*

(00:27:06.063 - 00:27:13.684)
Zé Alves: *botaikã, ĩ́pâ! botaini, bĩ́pâ. botawku botaikắgu, botanakõ, bokanéki*

(00:27:13.716 - 00:27:20.596)
Zé Alves: *botanalêi, botanaiutu, ohew botanaikã* ahn, também, nós também

(00:27:20.670 - 00:27:24.255)
Zé Alves: eu também gosto de... eu tô, estou falando também, esclarecendo mais...

(00:27:24.319 - 00:27:28.692)
Zé Alves: das diretrizes do meu companheiro Antônio

(00:27:29.138 - 00:27:34.511)
Zé Alves: que é o companheiro de ?[pé/fé], que nos me ajuda a dialogar

(00:27:34.713 - 00:27:36.319)
Zé Alves: que me dá força também

(00:27:36.383 - 00:27:40.330)
Zé Alves: como eu estou falando assim, é a força que um ao outro faz ao outro

(00:27:40.596 - 00:27:43.521)
Zé Alves: que a gente fala junto

(00:27:43.649 - 00:27:49.809)
Zé Alves: com a... a gente fala junto, entende junto, pensa a ?[irmandade]

(00:27:49.851 - 00:27:52.192)
Zé Alves: se eu não tenho o diálogo, a gente tenta conversar

(00:27:52.202 - 00:27:58.213)
Zé Alves: as demandas que é nossa, também é dito, é... tem que ser esclare... esclarecido

(00:27:58.521 - 00:28:04.341)
Zé Alves: porque se a pessoa manda, sim. se a mem... a pessoa quer, sim

(00:28:04.436 - 00:28:14.453)
Zé Alves: se a pessoa diverste, tem a c... uma... a maior diver... diversidade de coisa, a maior inter... a interculturalidade também, tem que saber

(00:28:14.453 - 00:28:18.368)
Zé Alves: que ele coloca bastante. porque a gente tem de ensinar um ao outro

SciELO Preprints - Este documento é um preprint e sua situação atual está disponível em: https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18799

(00:28:18.421 - 00:28:20.400)
Zé Alves: a gente tem de compl... completar

(00:28:20.400 - 00:28:24.579)
Zé Alves: e também tem que olhar também as... os direito, os deveres

(00:28:24.663 - 00:28:29.116)
Zé Alves: e a gente viver as coisa e deixar quieto não. esse é o...

(00:28:30.158 - 00:28:33.400)
Zé Alves: parece que eu me olho com... com os bom olhos

(00:28:33.642 - 00:28:36.421)
Zé Alves: que ele, ah... declara isso tudo

(00:28:36.474 - 00:28:40.032)
Zé Alves: que ele crie a ?[concorrência] que tem de pra fazer

(00:28:40.032 - 00:28:43.516)
Zé Alves: o que o... o que é necessário, o quê que não é, isso que é o fim

(00:28:43.526 - 00:28:51.526)
Zé Alves: então, por ?[queixa], mais uma vez eu ?[terminar], afinal a gente tamo chegando no alojamento, na casa de trabalho, área de trabalho para todos

(00:28:51.653 - 00:28:54.253)
Zé Alves: e também acho que é isso mesmo

(00:28:54.253 - 00:29:00.463)
Zé Alves: nós num podemos espichar muito a corda, que depois pra encolher a corda, é... serão difícil

(00:29:01.011 - 00:29:06.200)
Zé Alves: e também para a pessoa distinguir todas as palavras, porque vai ser um... um trabalhão

(00:29:06.232 - 00:29:07.579)
Zé Alves: ?[para dona Inês]

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença Creative Commons CC-BY.
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.